

DOI: <http://dx.doi.org/10.18316/rcd.v15i36.10427>

LAZER NO INSTITUTO SÃO JOSÉ EM TEMPOS DE CELEBRAÇÕES RELIGIOSAS (CANOAS, 1908-1920)

*LEISURE AT THE INSTITUTO SÃO JOSE IN TIMES OF
RELIGIOUS CELEBRATIONS (CANOAS, 1908-1920)*

Cleusa Maria Gomes Graebin

Centro Universitário La Salle - Unilasalle Canoas, RS

E-mail: cleusa.graebin@unilasalle.edu.br

Francisco Eric Vale de Sousa

Unilasalle

E-mail: francisco.201910590@unilasalle.edu.br

RESUMO

Este estudo tem como tema, atividades de lazer realizadas por alunos do Instituto São José, fundado em Canoas, RS, em celebrações religiosas entre 1908-1920. Os problemas que orientaram a pesquisa foram: Qual a concepção que os Irmãos possuíam sobre lazer? Por que oferecer atividades em meio às festas religiosas? Qual o tipo de lazer apresentado aos internos do Instituto São José? Partimos da premissa de que uma escola, se dá a ver tanto interna como externamente e, neste caso, por meio de festividades, mostra um grupo social em seu ambiente, afirmando-se como instituição escolar de qualidade, portanto, buscando o reconhecimento da sua eficácia e excelência. Ao problematizar a relação lazer-escola, demonstramos que os Irmãos, para além de distender as tensões às quais os internos estavam submetidos, também ofereciam, naqueles momentos, possibilidades de formação, para além da matriz curricular. O lazer vivenciado pelos meninos, passou dos jogos diversos ao futebol, acrescentando diferentes modos de educar a sensibilidade, a partir do teatro, da música e de vivências compartilhadas também em brincadeiras e jogos coletivos.

Palavras-chave: Escolas lassalistas; Instituto São José; Lazer; Sensibilidades; Sociabilidades.

ABSTRACT

This study has as its theme, leisure activities performed by students of the São José Institute, founded in Canoas, RS, in religious celebrations between 1908-1920. The problems that guided the research were: What was the conception that the brothers had about leisure? Why offer activities in the midst of religious celebrations? What type of leisure activities were presented to the inmates of the São José Institute? We started from the premise that a school, if it is seen both internally and externally and, in this case, through festivities, shows a social group in its environment, affirming itself as a quality school institution, therefore, seeking recognition of its effectiveness and excellence. By problematizing the relationship between leisure and school, we demonstrate that the Brothers, besides easing the tensions to which the boarders were subjected, also offered, at those moments, possibilities of formation beyond the curricular matrix. The leisure time experienced by the boys went from games to soccer, adding different ways to educate the sensibility, from theater, music and shared experiences also in games and collective games.

Keywords: Lasallian schools; Saint Joseph Institute; Leisure time; Sensibilities; Sociabilities.

Introdução

O povoado de Canoas, na primeira década do século XX, constituía-se como distrito de Gravataí, município do Rio Grande do Sul, originando-se de loteamentos de parte da antiga sesmaria doada a Francisco Pinto Bandeira¹ em torno de 1730. Os sucessores do sesmeiro, após 1874, iniciaram a venda de lotes para famílias procedentes de Porto Alegre, as quais os utilizaram como sítios de lazer, para desfrutar, no verão, os bons ares do lugar, a vegetação formada por capões², os rios e os arroios. Enfim, um lugar bucólico, na percepção dos antigos moradores (PENNA; CORBELLINI; GAYESKI, 1996). É nesse espaço que ao final da década de 1900, com cerca de 600 habitantes, 100 residências, um hotel, pequenas pousadas, alguns estabelecimentos comerciais, indústrias de pequeno porte, oficinas, sítios onde eram produzidos hortifrutigranjeiros, criação de gado leiteiro e granjas com plantação de arroz, que os Irmãos Lassalistas³ fundaram o Instituto São José, colégio voltado para estudos agrônômicos, recebendo alunos no regime de internato.

Os Irmãos Lassalistas pertencem à congregação religiosa católica Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs, fundada em Reims, na França no ano de 1680, pelo Padre João Batista de La Salle, homem de família nobre que renunciou às suas posses para dedicar-se à educação de crianças e jovens e, também, para a formação de professores. Zawaski e Casagrande (2018) afirmam que a formação docente surge de forma não planejada, haja vista os diversos encontros para a instrução de professores, necessidade que João Batista de La Salle entendeu estratégica para oferecer a esses um aprendizado didático pedagógico para melhor servir em estabelecimentos escolares. A partir dessa conjuntura, o grupo decidiu radicalizar a forma de vida, utilizando o magistério como uma forma de servir a Deus e ainda professando os votos de pobreza, obediência e castidade, semelhante aos demais religiosos pertencentes à Igreja Católica. A criação do Instituto, possibilitou fundar

¹ Vindo de Portugal (Valongo/Porto) com a família que se estabeleceu em Laguna, dedicando-se ao tropeirismo e à criação de gado. Destacou-se junto às forças de Cristóvão Pereira de Abreu, abrindo caminhos e auxiliando na fundação da Vila do Rio Grande. Recebeu uma sesmaria que deu origem ao município de Canoas (SPALDING, 1969).

² Grupamento de vegetação arbórea, isolada em meio a campos. Vegetação típica do Sul do Brasil. (ALVES; MARCHIORI; ROBAINA, 2014)

³ Como são conhecidos no Brasil.

escolas na França e mesmo após a morte do fundador, os Irmãos continuaram a obra em outros países. Dentre estes o Brasil, iniciando por Porto Alegre, estado do Rio Grande do Sul expandindo-se na sequência para Vacaria, Canoas e Caxias do Sul. Ao então povoado de Canoas, chegaram em 1908 (COMPAGNONI, 1980).

Segundo Nery (2007) o primeiro grupo chegado ao Brasil era constituído de Irmãos de diferentes nacionalidades: franceses, alemães, belgas e portugueses. O grupo foi liderado pelo Irmão Néostère-Martyr (Irmão Pedro), chegado ao Brasil em 19 de março de 1907, em Porto Alegre. A presença desses educadores despertou o interesse de autoridades regionais e os convites para edificarem escolas nas suas respectivas regiões/cidades foram inúmeros e, dentre esses, a escolha da instalação de uma escola em Canoas.

De acordo com Graebin, Simões e Graciano (2015), Canoas, no início do século XX, era um vilarejo atravessado por uma linha férrea e com uma estação. Os Irmãos adquiriram uma propriedade, um antigo hotel próximo a estação, cujas instalações foram aproveitadas para o início das atividades escolares, fazendo ao longo do tempo adaptações e construções e compra de terrenos para ampliar as suas atividades. O Instituto São José, sob a direção do Ir. Pedro passou a ofertar o ensino primário, comercial e agrícola (GRAEBIN; SIMÕES; GRACIANO, 2015). Em 4 de março de 1908 iniciaram as aulas em regime de internato para meninos⁴ (SGANZERLA; GRAEFF; GRAEBIN, 2014).

Nesse espaço os meninos vivenciavam atividades educativas que estavam determinadas no currículo escolar, as quais consistiam nas aulas; práticas religiosas, dentre elas a participação no catecismo com vistas à preparação para a primeira comunhão e o crisma, participação no coral para os cantos dominicais, higiene pessoal, organização do dormitório e de seus pertences pessoais e participações nos festejos religiosos. Entre estes, havia três significativos, celebrados anualmente, a saber: o de São José, patrono do Instituto, o de São João Batista de La Salle, seu fundador, e a festa de São Pedro (LIVRO MEMORIAL, 1908-1940). Percebemos que no Instituto, mesmo que não indicado na documentação estudada, havia atenção aos

⁴ É importante ainda ressaltar que foi também criado o Externato São Luís, uma escola paroquial para crianças cujos pais não possuíam condições de pagar por sua formação primária.

tempos, o escolar e aquele da convivência entre os alunos nos espaços previamente destinados, ou seja, pátios, campos de jogos, lago etc.

Destacamos, como afirma Marcellino (1987), que a educação brasileira foi influenciada por concepções herdadas da pedagogia escolástica e aquela orientada a partir do positivismo comteano⁵, com elemento comum entre si, ou seja, a tarefa de educar o ser humano, ou seja, tendo a sua racionalidade como referência básica. Assim, é inteligível a preocupação dos Irmãos com o espaço-tempo dos alunos, incluindo o lazer no processo educativo, como vivência cultural. É justamente nas narrativas sobre o cotidiano dos discentes e as suas participações nas três festas citadas que se encontram descrições, a partir das quais, inferimos sobre o que os Irmãos consideravam como atividades de lazer realizadas pelos alunos internos e externos entre 1908 e 1920.

Diante de um cotidiano de tarefas determinadas, controle do tempo e do corpo, surgem as seguintes questões: Qual a concepção que os Irmãos possuíam sobre lazer? Por que oferecer atividades em meio às festas religiosas? Qual o tipo de lazer apresentado aos internos do Instituto São José? Para responder às questões propostas, é necessário pensar que a escola, por meio das festividades, dá-se a ver tanto internamente quanto além muros, o que mostra um grupo social em seu ambiente, afirmando-se como instituição escolar de qualidade, portanto, buscando o reconhecimento da sua eficácia e excelência. Assim, buscamos problematizar a concepção de lazer e demonstrar que os Irmãos, para além de distender as tensões às quais os internos estavam submetidos, buscavam uma maneira de construir, reconstruir e firmar valores e crenças, bem como criar e possibilitar práticas culturais e sua forma de partilha entre os diferentes atores.

A pesquisa que realizamos se apresenta como qualitativa, com abordagem descritiva, e interpretativa (GIL, 1999). O corpus documental foi composto por documentos escritos, imagéticos e narrativas orais produzidas por Irmãos Lassalistas, a saber: (1) Livro Memorial do Instituto São José (1908 a 1949), o qual traz os registros históricos do cotidiano da escola. Esse documento, segundo Graebin e Santos (2020) é um livro-memória e ao mesmo tempo uma espécie de relatório,

⁵ Ver OS PENSADORES. Comte. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

descrevendo tanto as atividades desenvolvidas quanto informando as obras que estavam sendo realizadas as festividades, as visitas recebidas e acontecimentos locais e regionais. A escrita do Livro Memorial é uma prática comum nas escolas lassalistas, sendo elaborado por um Irmão designado pela direção de cada comunidade educativa - uma espécie de guardião da memória. (2) Registros fotográficos das festas indicadas: a de São José, a de São João Batista de La Salle e a festa de São Pedro. (3) Depoimentos individuais de Irmãos Lassalistas registrados em diários, cartas e entrevistas orais. A seleção do Instituto São José para este trabalho levou em consideração o fácil acesso aos arquivos, às biografias dos irmãos pioneiros no Brasil, os quais passaram pelo Instituto e/ou que deixaram depoimentos em entrevistas sobre o ser aluno da instituição no período estudado. Estas fontes históricas fazem parte do acervo do Museu Histórico La Salle⁶.

A fim de encaminhar as discussões, organizamos o artigo da seguinte maneira: iniciamos com a contextualização do espaço onde se insere o Instituto São José, informações sobre a congregação religiosa na qual está inserido, indicação do tipo de pesquisa, abordagem e corpus documental. Na sequência, refletimos sobre lazer, cultura escolar e festas religiosas escolares. Após, descrevemos as evidências sobre o que os Irmãos compreendiam sobre lazer, apoiados no corpus documental. Em seguida, interpretamos essas informações à luz do referencial teórico e por fim, apresentamos as considerações finais da pesquisa e as referências bibliográficas consultadas.

Sobre o lazer

Iniciamos a discussão informando sobre a rotina dos alunos internos do Instituto São José, de acordo com os testemunhos contidos no Livro Memorial do Instituto São José (1908-1949). Apontamos o recreio (intervalos entre as aulas), como espaço-tempo pedagógico a partir do qual os Irmãos orientavam o lazer dos alunos: no grande pátio, praticavam caçador, futebol, corrida, entre outros. De acordo com Pinno (2008, p. 14), o recreio é “[...] um dos espaços da cultura escolar

⁶ Museu da Unilasalle, cujo escopo é a história da educação e das escolas lassalistas no Rio Grande do Sul.

para além da sala de aula [...]”. Portanto, não se tratava, exatamente, de um tempo livre, mesmo que pudessem escolher modalidades de interação com os demais colegas, construir vínculos e resolver conflitos. Havia mecanismos que o ordenavam, promovendo aprendizagens, mas também, de diálogos, na construção de sentidos e significados. Na Figura 1, temos um registro de atividades durante um dos recreios do ano de 1919.

Figura 1 – Momento de recreio dos alunos do Instituto São José no ano de 1919



Fonte: Livro Memorial 1908-1949. Acervo do Museu Histórico La Salle.

Consideramos as imagens que inserimos neste texto, de acordo com Mauad (2008), como fontes históricas, às quais fazemos perguntas. Inseridas no Livro Memorial constituem-se como mensagens, como vestígios de determinado contexto que se dá a ver. Como objeto da cultura escolar, possuem discurso próprio e determinados sentidos sobre as diferentes práticas no Instituto São José, notadamente aqui, os recreios, as festas religiosas, as comemorações etc., quando os meninos desfrutavam de pausas dos tempos dedicados aos estudos referentes às disciplinas curriculares.

A fim de fundamentar discussões sobre o lazer dos alunos do Instituto São José em momentos festivos, trazemos na sequência, reflexões sobre o conceito.

Quando falamos em lazer estamos nos referindo a atividades que acontecem no período de tempo livre, que temos para nós, depois de atendidas as necessidades da vida e as obrigações de trabalho. Além dessa

ideia de aproveitamento de tempo, o conceito de lazer engloba a noção de estado de permissão e de liberdade. Contém, ainda, a ideia de repouso ou ocupação voluntária, de disponibilidade para o prazer e de atividade produtora de satisfação (SOUZA, 2004, p. 20)

Mediante estas concepções, alguns aspectos merecem destaque, como o tempo livre, a partir do qual, pode-se ter a liberdade de fazer o que se quiser ou não fazer nada, sem obrigações e sem precisar de permissão para tal. O primeiro recorte quanto ao que foi afirmado pelos autores citados é a respeito do tempo livre. O que seria esse tempo livre? Seria o tempo fora das ocupações cotidianas do trabalho? Seria aquilo que possibilita o não estresse, a não pressão pela produtividade, ou tudo aquilo que não é de cunho obrigatório? Para tanto, trazemos Leiro (2002, p. 3), que afirma: “[...] todo o tempo de não-trabalho, incluindo o estudo, as tarefas domésticas, as obrigações religiosas e as atividades de lazer, podem ser consideradas práticas configurativas do tempo livre”. Nessa perspectiva, temos o tempo livre como uma oportunidade, ou podemos até chamar de ferramenta para a prática do lazer. Sem esse tempo livre inviabiliza-se a realização do lazer.

Já para Fernandes, Húngaro e Athayde (2011), o lazer não pode ser percebido como meio que possibilita descanso, recomposição das energias – consumidas pelo trabalho – ele é antes de tudo um direito. Para Dumazedier (1973) o lazer é um grupo de atividades desenvolvidas de forma livre, de total escolha e sem obrigação de participação. Para Marcelino (2000) estas atividades podem ter o cunho educativo/formativo, ou seja, lazer não se limita a atividades recreativas, de gasto energético, ou seja, a simples atitude de deitar-se em uma rede para ler um livro e/ou apenas deitar, assim como assistir a um filme, é um tipo de lazer. Porém, o próprio Marcelino (2000) alerta para o cuidado quanto à não visualizarmos o lazer como tempo de revigorar e potencializar forças para se cumprir mais horas de jornada de trabalho. Em texto de 1996, Marcelino ainda reforça essa ideia quando afirma que o lazer não pode ser entendido como uma oportunidade dada a si mesmo apenas em situações de estresse advindo dos conturbados tempos de exercício do trabalho. Já para Mascarenhas (2003), o lazer deve ser permitido porque ele faz parte da vida humana, trata-se de um direito conquistado a partir das várias manifestações sociais trabalhistas diante dos processos de revolução industrial, passando a ser uma conquista social. Ainda, “[...] o lazer é determinado pela

construção histórica que se opera na sociedade e, portanto, as atividades que passam a constituí-lo são vivenciais e fruídos pelos homens em conjunto, segundo as condições econômicas, culturais e sociais criadas” (FERNANDES; HÚNGARO; ATHAYDE, 2011, p. 1).

Nesse caso, podemos salientar que o lazer é um fenômeno histórico e dialético (MASCARENHAS, 2003), como oportunidade que viabiliza o indivíduo a vivências humanas e democráticas. Assim, não há critérios rígidos para definir essas vivências, que podem ser configuradas em atividades, visto que essas devem propiciar a satisfação humana. Conjuntamente a essas dinâmicas, é importante também observar as condições de vida e contextos sociais em que o indivíduo se encontra (LEIRO, 2002), nesse caso, aspectos determinantes para a prática e permanência no lazer.

Neste trabalho, optamos por trabalhar com lazer, a partir de Marcellino (1987) e sua concepção da relação escola-lazer como processo educativo, estimulando as sensibilidades, a construção de sentido para a vida e a transformação da existência. Assim, nos tempos de celebração das principais datas escolares de cunho religioso, a escola ofertava jogos, cavalgadas, passeios, teatro, concertos musicais, entre outros. Passamos, então, a discorrer sobre as festas de cunho religioso.

Festas⁷ religiosas escolares

As festas religiosas são fenômenos socioculturais constantes em qualquer sociedade, portanto, também inerentes ao contexto escolar confessional, fazendo parte daquilo que Cândido (1964) trata como dinâmica interna da escola, estando esta, ao mesmo tempo, inserida em contexto social mais amplo. Assim, é compreensível que no Instituto São José, para além do cotidiano escolar organizado em torno de um sistema curricular, houvesse, também, outras maneiras de formar um indivíduo que se explica como:

⁷ Ao buscar suas definições, observamos que seus significados são próximos: celebrar envolve solenidade, louvor, exaltação; festa, além dessas definições traz também regozijo, divertimento e alegria. (FERREIRA, 2008.)

[...] modos de fazer e de pensar, mentalidades, atitudes, rituais, mitos, discursos, ações, amplamente compartilhados, assumidos, não postos em questão e interiorizados, [que] servem a uns e a outros para desempenhar suas tarefas diárias, entender o mundo acadêmico-educativo e fazer frente tanto às mudanças ou reformas como às exigências de outros membros da instituição, de outros grupos e, em especial, dos reformadores, gestores e inspetores (VIÑAO FRAGO, 2000, p. 100).

Isto nos leva a refletir sobre cultura escolar e os conteúdos postos em diálogo durante as comemorações, quando ocorrem mediações, interações entre indivíduos, instituições, grupos, isto é, entre diferentes atores que participam da decisão do que celebrar e de qual maneira e com quais narrativas e códigos.

Como elemento da cultura escolar, as festas são estratégias importantes para dar visibilidade ao que a escola escolhe como passível de ser ensinado, pois:

[...] os espaços educativos, como lugares que abrigam a liturgia acadêmica, estão dotados de significados e transmitem uma importante quantidade de estímulos, conteúdos e valores do chamado currículo oculto, ao mesmo tempo em que impõe suas leis como organizações disciplinares". (VIÑAO FRAGO; ESCOLANO, 2001, p. 27)

O que é visibilizado, as narrativas compartilhadas contribuem para informar a comunidade externa sobre o que ocorre na escola e para a formação dos estudantes, sendo esta um espaço para "[...] inculcação de comportamentos e de habitus [...]" (JULIA, 2001, p. 30).

Desta maneira, entendemos que as festividades religiosas em instituições escolares dirigidas por religiosos e/ou religiosas pertencentes a Igreja Católica, realizadas em diversos momentos, sejam em formato de missas, rezas e/ou festejos de algum santo/santa, fazem parte de um padrão cultural próprio produzido e reproduzido, "[...] uma forma silenciosa de ensino [...]" (VIÑAO FRAGO, 1998, p. 69).

A esse respeito e se tratando de festividade religiosas em instituições educativas confessionais, Gulla, Arnaut de Toledo (2010), analisam o processo de criação e implantação do Colégio Santa Cruz de Maringá (1952) evidenciando que nessa instituição, também com regime escolar de internato, como o caso do Instituto São José, havia atividades celebrativas no final das programações comemorativas promovidas pela escola, tais como a celebração de missas realizadas pelo vigário geral. O objetivo era fomentar o conhecimento e participação nas celebrações da fé

cristã às internas. Da mesma forma, o manuscrito de Inoue (2013) cujo objetivo foi o de refletir sobre a contribuição da Escola Normal Livre Sagrado Coração de Jesus para a formação de docentes para a região oeste do Estado de São Paulo, na primeira metade do século XX, evidencia que havia uma capela na qual eram realizadas as missas além da preparação para o crisma.

Há também uma similaridade com investigação de Bitencourt (2014), cujo objetivo foi o de compreender como eram formadas as meninas desvalidas e pensionistas internas da escola doméstica Nossa Senhora da Anunciação - Ananindeua/PA. A autora relata que as internas participavam diariamente, e de forma obrigatória, após o desjejum, das celebrações religiosas na capela do internato. As atividades ali desenvolvidas iam desde a escolha das músicas que seriam entoadas, participação do grupo de canto, leitura da liturgia, até auxiliando na distribuição da eucaristia.

Em se tratando de escolas para meninos em regime de internato e externato, Pacheco (2012) informa que no Colégio São José (Ituiutaba, MG) ocorriam, para os internos, após o estudo do catecismo aos domingos: passeios pela cidade, missas, jogos, desfiles escolares, ida ao cinema, sempre acompanhados pelos padres. As escolas confessionais católicas buscavam que seus alunos aprendessem valores morais e os conteúdos curriculares. Nos internatos de Sergipe eram realizadas festas com jogos, apresentações artísticas e outras atividades. “As festas e/ou solenidades escolares ocorriam em diversas ocasiões da vida escolar, como a comemoração de datas históricas, cívicas e religiosas [...]” (CONCEIÇÃO, 2012, p. 285).

A partir deste levantamento é possível inferir que as festas, sejam elas internas ao espaço escolar ou com a participação da comunidade além muros, constituem-se como parte da cultura escolar produzindo sentidos, significados e discursos (ITANI, 2003), não deixando a escola de exercer seu papel social, isto é, reforçando valores e crenças.

Indicados os marcos teóricos e o estado da arte do tema deste trabalho, apresentamos a seguir, a discussão sobre o lazer dos alunos do Instituto São José.

Atividades de lazer no Instituto São José

Iniciamos refletindo sobre as concepções de educação do Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs, a partir do Guia das Escolas, obra fundadora da pedagogia lassalista, adotada nas escolas dos Irmãos, com primeira edição impressa datada de 1720. Estes guardam o que entendem como fidelidade criativa, ou seja ensinar a bem-viver, guardando a historicidade, novas formulações pedagógicas e didáticas, propondo ambientes para que os alunos se desenvolvam espiritualmente, socialmente e culturalmente, utilizando recursos do tempo presente.

No Livro Memorial do Instituto São José foram encontradas descrições do seu diretor, o Irmão Pedro (Néostère-Martyr) entre 1908 e 1918, tratando entre outros, das atividades recreativas praticadas pelos meninos internos nas festividades de São José, São João Batista de La Salle e São Pedro, as duas últimas inseridas no calendário escolar no ano de 1909.

Em relação à festa de São João Batista de La Salle há o registro da sua primeira edição realizada em Canoas: “A festa de São João Batista de La Salle foi celebrada pela primeira vez em Canoas. A igreja ficou muito bem decorada; um altar magnifico (sic.), encimado com a imagem do Santo, foi erigido pela circunstância” (LIVRO MEMORIAL, 1908-1949, s. p.). No ano de 1908, o momento de lazer informado constituiu-se de passeio a cavalo realizado em 5 de dezembro, quando um grupo de 30 pessoas, alunos internos e Irmãos que também cumpriam o papel de docentes, dirigiram-se em excursão ao morro Sapucaia, distante a 3 horas de cavalgada de Canoas. Segundo o registro, “tudo se passou otimamente; os alunos foram irrepreensíveis durante o dia todo (sic) a alegria e o entusiasmo reinou até o fim” (LIVRO MEMORIAL, 1908, s.p.). Aqui já temos, a partir da narrativa do Irmão Pedro, indício de que os momentos festivos dos internos também faziam parte do processo educativo, assim como as atividades a serem desenvolvidas. Neste sentido, o lazer importava em formação, em “[...] inculcação de comportamentos [...]” (JULIA, 2001, p. 30).

Já nos relatos do ano de 1909, não só aquela celebrando o Fundador é mencionada, como também, as festividades de São José e São Pedro, indicando a utilização de foguetes, fato este destacado pelo Irmão que faz a descrição no

documento, como uma prática brasileira, percebida em todas as descrições das festas. Foi somente em 1910, após a compra da chácara vizinha ao Instituto São José, que aparecem alusões a atividades de lazer, junto às festividades de São José, São João Batista de La Salle e São Pedro, as quais são citadas como jogos diversos.

Festa de São José: Esta festa patronal foi celebrada com muita solenidade: missa solene, bênção do SS e **jogos diversos** para os alunos. (grifo nosso)
Na segunda-feira, 23 de maio, foi celebrada a festa de São João Batista de La Salle; o coral do Pensionato cantou missa solene em música. O Revm Capelão fez belíssima prática de circunstância. **Jogos diversos** foram organizados para os alunos” (grifo nosso).

A Figura 2 coloca-se como vestígio de momentos em que os alunos praticavam jogos e recreação.

Figura 2 – Imagem do Capão do Corvo (Canoas, RS), década de 1910



Fonte: Acervo do Museu Histórico La Salle.

Em 1911 há uma descrição de atividade de lazer explicitada - o futebol. Outro detalhe que passa a ser repetitivo nos demais anos é o tempo para as atividades de lazer, usando a expressão “durante o dia”, o que dá uma conotação de que as essas ocorriam em diferentes momentos, até aproximadamente às 17h00, visto que às 18h00 ocorriam as orações e a janta.

“Na 2ª feira, 15 de maio foi celebrada a festa do Sto. Fundador. A cerimônia teve lugar na nova capela inaugurada e benta na véspera. Mons. o Vigário Gl. celebrou a missa solene das 8 horas, durante a qual fez um sermão de circunstância. **Durante o dia, diversos jogos, principalmente o futebol**” (grifo nosso).

São Pedro: foi celebrado tão bem como nos anos anteriores: missa solene, comunhão geral, bênção do SS Sacramento. **Jogos, grande animação**, foguetes, balões, Os alunos compraram uma Via Sacra para a capela. (grifo nosso)

Em 1912, além dos jogos diversos durante o dia, foram acrescentadas apresentações de peças musicais.

Na 4ª feira, 15 de maio, foi celebrada a festa de SJB. De La Salle, nosso Santo Fundador. Às 6h00, comunhão geral; às 8 h00, Missa solene. **Durante o dia, diversos jogos, sobretudo futebol** (grifo nosso).

São Pedro, pode dizer que foi celebrado ainda melhor do que nos anos passados. Quase todos os alunos receberam a Santa Comunhão; Missa e Bênção Solenes. **Durante o dia: jogos diversos**; grande animação; Pela tarde, grande iluminação, foguetes, fogos de artifícios, balões; **e tudo isso realçado por peças musicais**. Os alunos ofereceram cruz e candelabros para a capela” (grifo nosso).

Entre 1913 e 1915, os registros das festas não citavam o futebol como um dos jogos, o que voltou a ocorrer entre 1916 e 1917. Neste último ano, as referências aos jogos diversos são registradas no dia da festa de São José. Na festa de São Pedro as atividades são alteradas visto que houve a implantação do batalhão escolar com apresentação da bandeira e a presença de autoridades militares.

Em 1918 não há menção do futebol, mas há citação de jogos com bola, o que nos leva a entender que se tratava daquela modalidade. Essa também é a última vez, até 1920, que é possível visualizar apontamentos das atividades de jogos diversos, futebol ou jogos com bolas.

A festa de S. José, nosso patrono e protetor, foi celebrada a 19 de Março. Às 6h30, missa e Comunhão; às 8h00, missa solene; de tarde, às 7h30, bênção do SS. Sacramento. **Durante o dia houve diversos jogos**. (grifo nosso).

A festa de S. J. B de La Salle foi solenizada a 15 de Maio; às 6h00, Missa e Comunhão; às 8h30, Missa Solene e panegírico do Santo pelo Revmo. Pe. Superior dos Padres do Coração Imaculado de Maria; às 7h30 da tarde, bênção do SS. **Durante o dia, grandes jogos de bola**” (grifo nosso).

A festa de S. Pedro se celebrou com a solenidade habitual. Na véspera: votos de feliz festa com o brinde de um humeral para a bênção do SS.; 2 véus para o cibório e 1 estala. Durante o dia: Missa e Comunhão às 6h30;

Missa solene às 8h30, e benção à tarde. **Todo o dia: jogos**, foguetes, fogos de artifícios, balões, e grande entusiasmo. (grifo nosso).

Para além dos jogos, constatamos menções sobre cantatas e apresentações de peças teatrais. Vale ressaltar que eram oferecidas aulas de música, recitação, entre outros.

É possível inferir sobre uma gestão do tempo livre dos alunos do Instituto São José em momentos de celebrações, uma vez que, havia uma divisão do tempo. Acreditamos também que ao citar a “conduta irrepreensível” dos alunos, o Irmão Pedro indica sim o cuidado com a manutenção da ordem, da disciplina, da vivência de valores e condutas sociais ensinados na escola, mas também, como possibilidade de construção de outras formas de relacionamento, ou seja, o lazer como “[...] cultura vivenciada [...] como instrumento de mudança social [...]” (MARCELLINO, 1987, p. 16) - um “ensinar a bem-viver”, como propunha João Batista de La Salle.

Considerações finais

A partir dos levantamentos sobre o estado da arte dos estudos sobre o lazer e, notadamente, sobre a relação lazer-educação no Brasil, constatamos a preocupação de pesquisadores, de forma sistemática, a partir dos anos 1970. Em tempos atuais, de acordo com Dias et al., contamos com cerca de 230 grupos de pesquisa, registrados no Diretório de Grupos do órgão brasileiro para o fomento à pesquisa, o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), que, de alguma maneira, investigam algum aspecto do lazer. Também, eventos e periódicos, como o Licere e a Revista Brasileira de Estudos do Lazer (RBEL), da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Lazer, divulgam estudos acadêmicos sobre o tema. Ainda Laboratórios de estudos distribuídos por diferentes universidades, vinculados, na sua maioria, a Departamentos/Cursos de Educação Física.

Ao refletirmos sobre estudos a respeito do lazer, apoiamo-nos em Marcellino (1987, 1996 e 2000) e sua concepção de que momentos de lazer nas escolas podem contribuir para que os alunos vivenciem diferentes experiências, tenham contato com outras culturas e, por meio desses encontros e os desafios que eles tragam

consigo, possam transformar seus modos de ser e fazer, como possibilidades de transformação e mudança.

Assim, ao examinarmos os momentos de lazer dos alunos do Instituto São José, durante celebrações religiosas entre 1908-1920, foi possível concluir que a escola também oferecia, naqueles momentos, possibilidades de formação, para além da matriz curricular. O lazer vivenciado pelos meninos, passou dos jogos diversos ao futebol. Acreditamos que a introdução deste tenha se dado em virtude das preferências dos internos. Também, tendo em vista a participação de pessoas da comunidade, tratava-se de mostrar a escola em outros momentos que não os de sala de aula e/ou os litúrgicos.

O *ensinar a bem-viver* dos Irmãos Lassalistas previa, naquelas primeiras décadas do século XX, possibilidades de diversão, elementos fundamentais, componentes do processo educativo de crianças e adolescentes que recebiam. Além disso, entendemos que os Irmãos compreendiam a importância das atividades de lazer para a construção da identidade dos internos e como momentos para o seu desenvolvimento. A estes foram proporcionados diferentes modos de educar a sensibilidade, a partir do teatro, da música e de vivências compartilhadas também em brincadeiras e jogos coletivos.

REFERÊNCIAS

ALVES, F. da S.; MARCHIORI, J. N. C.; ROBAINA, L. E. de S. Aspectos fitogeográficos da bacia hidrográfica do arroio Lajeado Grande, RS – Brasil. 4 – Florestas de galeria e capões-de-mato. **Balduinia**, n. 26, p. 19–26, 2014. <https://doi.org/10.5902/2358198014120>

BITENCOURT, Faneide Pinto França. Práticas Educativas no Internato da Escola Doméstica Nossa Senhora da Anunciação-Ananindeua/PA (1949-1959). In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA CULTURAL “HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO, LEITURAS E RECEPÇÕES”, 7, 2014, São Paulo. **Anais eletrônicos...** São Paulo: Universidade de São Paulo, 2014. Disponível em: <<http://gthistoriacultural.com.br/VIIsimposio/Anais/Faneide%20Pinto%20Franca%20Bitencourt.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2020.

CÂNDIDO, A. A estrutura da escola. In: PERREIRA, L.; FORACCHI, M. M. **Educação e sociedade: leituras de sociologia da educação**. São Paulo: Nacional, 1964, p. 107-128.

COMPAGNONI, Ivo Carlos. **História dos Irmãos Lassalistas no Brasil**. Canoas: Ed. La Salle, 1980.

COMTE, Auguste. **Seleção de textos de José Arthur Giannotti**; traduções de José Arthur Giannotti e Miguel Lemos. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Os Pensadores)

CONCEIÇÃO, Joaquim Tavares da. **Internar para Educar Colégios-Internatos no Brasil (1840 – 1950)**. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal da Bahia, 2012. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/13349/1/TESE%20Educar%20para%20internar.%20Col%20a%20gios-Internatos%20no%20Brasil%20%281840-1950%29.pdf>>. Acesso em: 11 jul. 2020.

DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e Cultura Popular**. São Paulo: Perspectiva, 1973.

FERNANDES, Erick Rodrigo; HUNGARO, Edson Marcelo; ATHAYDE, Pedro Fernando. Lazer, trabalho e sociedade: notas introdutórias sobre o lazer como direito social. **EFDeportes.com, Revista Digital**, Buenos Aires, v. 16, n. 155, abr. 2011. Disponível em: <<https://www.efdeportes.com/efd155/o-lazer-como-um-direito-social.htm#:~:text=O%20lazer%20passa%20a%20figurar,lazer%20enquanto%20campo%20do%20conhecimento.>>. Acesso em: 8 jul. 2020.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Aurélio**: o dicionário da língua portuguesa. Curitiba: Ed. Positivo, 2008.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

GRAEBIN, Cleusa Maria Gomes; SANTOS, Anna Catherine Graebin dos. A Educação Physica em escolas lassalistas do Rio Grande do Sul (1908- 1945): educar o corpo e dar vazão ao excesso de vitalidade dos rapazes. **Revista Confluências Culturais**, v. 9, n. 1, p. 192-208, 2020. Disponível em: <<http://periodicos.univille.br/index.php/RCCult/article/view/873>> Acesso em: 8 jun. 2020.

GRAEBIN, Cleusa Maria Gomes; SIMÕES, Rodrigo Lemos; GRACIANO, Sandra Simone. Uma escola em sua materialidade: Recordações visuais da trajetória da obra educativa dos Irmãos Lassalistas em Canoas, RS (1908-1960). **Revista Memória em Rede**, Pelotas, v. 7, n. 13, jul./dez. 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/Memoria/article/view/6315/4544>> Acesso em: 11 jul 2020.

GULLA, Maria Madalena Sorato; ARNAUT DE TOLEDO, Cezar de Alencar. História da instituição escolar “Colégio Santa Cruz” de Maringá (1952). In: SEMINÁRIO DE PESQUISA DO PPE - 2010, 2010, Maringá. **Anais do Seminário de Pesquisa do PPE**. Maringá: UEM, 2010. v. 1. p. 1-19. Disponível em: <http://www.ppe.uem.br/publicacoes/seminario_ppe_2009_2010/pdf/2010/016.pdf> Acesso em: 10 jul. 2020.

IAS, Cleber.; NASCIMENTO, Oromar Augusto dos Santos; BUBA, Marcos Dittmar; LAZZAROTTI FILHO, Ari. Estudos do Lazer no Brasil em Princípios do Século XXI: Panorama e Perspectivas. **Movimento**, [S. l.], v. 23, n. 2, p. 601–616, 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/66121> Acesso em: 1 out. 2022.

INOUE, Leila Maria. Igreja católica e formação de professores em São Paulo: a Escola Normal Livre Sagrado Coração de Jesus (1943). In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 7, 2013, Cuiabá. **Anais eletrônicos...** Cuiabá: Circuitos e Fronteiras da História da Educação no Brasil, 2013. v. VII. Disponível em: <<http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe7/pdf/05-%20HISTORIA%20DA%20PROFISSAO%20DOCENTE/IGREJA%20CATOLICA%20E%20FORMACAO.pdf>> . Acesso em: 10 jul. 2020.

ITANI, Alice. **Festas e calendários**. São Paulo: UNESP, 2003.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto historiográfico. Tradução: Gizele de Souza. **Revista Brasileira de História da Educação**, São Paulo, n. 1, p. 9-44, 2001. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4250681/mod_resource/content/1/273-846-1-PB.pdf> . Acesso em: 12 jun. 2022.

LEIRO, Augusto Cesar Rios. Educação, lazer e relações de gênero: talhes e coxas. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 19, p. 53-68, 2002. Disponível em:

<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/956/4329>>
Acesso em: 8 jul. 2020.

LIVRO MEMORIAL do Instituto São José. Acervo do Museu Histórico La Salle. Manuscrito, 1908-1949.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Estudos do lazer**: uma introdução. Campinas, SP: Autores Associados, 1996. (Coleção educação física e esportes).

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Lazer e educação**. Campinas, SP: Papirus, 1987.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Estudos do lazer**: uma introdução. 2. ed., ampl. Campinas, SP: Autores Associados, 2000

MASCARENHAS, Fernando. **Lazer como prática da Liberdade**: Uma proposta educativa para a juventude, Goiânia: Ed. UFMG, 2003.

MAUAD, Ana Maria. **Poses e Flagrantes**: ensaios sobre história e fotografias. Niterói: Editora da UFF, 2008.

NERY, Irmão. **A saga dos pioneiros lassalistas no Brasil**. Niterói: La Salle, 2007.

PACHECO, Simone Beatriz Neves. **Colégio São José**: Gênese e funcionamento da escola dos Estigmatinos em Ituiutaba-MG (1940-1971). Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Mestrado em Educação Brasileira, UFUB, Uberlândia, MG, 2012. Disponível em: <<https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/13898/1/d.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2021.

PENNA, Rejane; CORBELLINI, Darnes; GAYESKI, Miguel. **Canoas** – Para lembrar quem somos/Centro. Canoas: La Salle, 1996.

PINNO, Fabiane Smaniotto. **Recreio escolar**: práticas corporais e suas significações. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências, Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2008. Disponível em: <<https://bibliodigital.unijui.edu.br:8443/xmlui/bitstream/handle/123456789/386/Fabiane%20Smaniotto.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 20 set. 2022.

SGANZERLA, Zenilde; GRAEFF, Lucas; GRAEBIN, Cleusa Maria Gomes. A construção de memória simbólico-religiosa e Lassalista a partir dos vitrais da Capela São José, em Canoas/RS. **Mouseion**, n. 17, 2014. Disponível em: <<https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Mouseion/article/view/1542>>. Acesso em: 20 jun. 2021.

SOUZA, Maria Amélia Nascimento de. **Propostas de lazer e turismo da Associação dos Clubes de melhor Idade do Distrito Federal (ABCMI)**. Monografia

(Especialização para professores e Pesquisadores em Turismo e Hospitalidade) – Universidade de Brasília. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/396/1/2004_MariaAmeliaNascimentoSousa.pdf Acesso em: 2 fev. 2023.

SPALDING, Walter. **Construtores do Rio Grande**. 3 v. Porto Alegre: Livraria Sulina, 1969.

VIÑAO FRAGO, Antonio. El espacio y El tiempo escolares como objeto histórico. In: WARDE, M. J (org.) **Contemporaneidade e Educação**. 7 V. Temas de História da Educação. Rio de Janeiro: Instituto de Estudos da Cultura da Educação, 2000, p. 93-100.

VIÑAO FRAGO, Antonio. **Tiempos escolares, tiempos sociales**. Barcelona: Editorial Ariel Practicum, 1998.

VIÑAO FRAGO, Antonio; ESCOLANO, Agustín. **Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa**. Tradução: Alfredo Veiga-Neto. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

ZAWASKI, Tatiane Peres; CASAGRANDE, Cledes Antonio. São João Batista de La Salle e a formação de professores: breves reflexões a partir das Meditações e do Guia das Escolas Cristãs. **Revista Educação e (Trans)formação**, Garanhuns, v. 3, n. 1, jan./jul. 2018. Disponível em: <http://www.journals.ufrpe.br/index.php/educacaoetransformacao/article/view/1814> Acesso em: 11 jul. 2020.